



Urbanização Brasileira

1.1 Fatores:

Uma outra mudança significativa que o processo de industrialização promoveu no Brasil foi à acelerada urbanização, que deve ser entendida como um processo em que a população do meio urbano cresce a taxas maiores que o crescimento da população total, ou seja, quando a população urbana cresce mais rapidamente que a população rural.

No Brasil, a aceleração do processo de urbanização corresponde ao período de intensa industrialização do pós-guerra. A constituição de uma economia de mercado de âmbito nacional, polarizada pelas indústrias implantadas no sudeste, é refletida no movimento urbanizador. Em outras palavras, a formação de um mercado interno moderno está na base desse movimento que se apresenta inicialmente mais intenso na região sudeste, mais que se espacializa em todo país.

A urbanização é possivelmente o fenômeno de maior importância ocorrido nas sociedades modernas. Um elemento importante para o entendimento da urbanização é que seu significado mais amplo só pode ser apreendido considerando-se a multiplicidade de aspectos que ela contém. Vamos examinar esses aspectos:

- O sentido mais imediato sugere o *aparecimento de novas cidades*, como por exemplo, a fundação de Brasília, e também o aumento das dimensões das que já existem.
- O maior aumento da população urbana em relação à população do campo. É um aumento no sentido demográfico, mais tradicional no conceito de urbanização.
- A *expansão do modo de vida urbano*, e de algumas formas espaciais urbanas (valores sócio-culturais e equipamentos urbanos) além dos limites territoriais urbanos, penetrando nas zonas rurais mais distantes, onde os valores e as formas espaciais eram outras.
- Esse modo e ritmo de vida são ditados por uma sociedade industrial, com relações de trabalho tipicamente industrial, tais como: assalariamento; especialização e divisão do trabalho.
- A *instalação de equipamentos urbanos*, como energia elétrica, água e esgotos, pavimentação, estradas, equipamentos transmissores de informação, transportes coletivos, escolas, hospitais, comércio e outros serviços

Portanto, percebe-se que o processo de urbanização está relacionado ao crescimento das atividades industriais no Brasil. A indústria acelerou o processo de desenvolvimento das cidades. Concentrou população para servir de mão-de-obra e de mercado; definiu as classes sociais básicas que se multiplicaram em setores mais diferenciados, à medida que a sociedade se tornava mais complexa; deu à cidade a característica básica do capitalismo, a concentração, tanto a nível espacial, quanto social; deu à cidade moderna a fisionomia que ela apresenta como fruto da industrialização, enquanto expressão plena do modo de produção capitalista, que se transformou na forma hegemônica de organização da sociedade em que nós vivemos.

1.2 Fatores e intensidade da urbanização

No início do século XIX, cerca de 8% da população mundial moravam em cidades. Cem anos depois, esse percentual tinha praticamente dobrado, atingindo a marca de 15%. Atualmente, a população urbana é aproximadamente 55% do total mundial. Daqui para o futuro, esse índice continuará subindo nos países subdesenvolvidos, elevando a média mundial. Nos países desenvolvidos, e em algumas nações emergentes, a tendência é de a população urbana estabilizar-se.



Até meados do século XX, a urbanização era um fenômeno relativamente lento e circunscrito aos países que primeiro se industrializaram. Após a Segunda Guerra Mundial, em muitos países subdesenvolvidos, principalmente na América Latina, na Ásia e em parte da África, a urbanização ocorreu de forma acelerada.

Nos países subdesenvolvidos, a urbanização esteve associada a períodos de crescimento vegetativo muito elevado, o que ainda se verifica em regiões mais pobres. Em virtude da escassez de recursos, o aumento da população urbana ocorreu em ritmo muito mais acelerado do que a capacidade de investimentos em serviços sociais e de infraestrutura urbana, como moradia, escolas, hospitais, lazer, redes de saneamento básico, coleta de lixo, iluminação, transportes coletivos, etc.

Nos países subdesenvolvidos, o processo de urbanização esteve quase sempre associado a um modelo econômico excludente. A concentração de terras e a precariedade das condições de vida no campo levam grandes parcelas da população rural a migrar para as cidades, que crescem desordenadamente. Na paisagem urbana desses países, são comuns as submoradias (favelas, cortiços, etc), a falta de saneamento básico, as ruas sem pavimentação e outras cenas que denotam más condições de vida

A urbanização nos países desenvolvidos foi, de forma geral, mais lenta e gradual. Os centros fabris apresentavam sérios problemas de moradia e poluição. Os operários moravam em cortiços e muitos adoeciam devido à falta de saneamento básico e à péssima qualidade do ar. Após muita pressão, as cidades foram se estruturando lentamente para oferecer melhor qualidade de vida aos trabalhadores das fábricas.

Com isso, houve melhorias na infra-estrutura urbana — moradia, água, esgoto, luz, etc. — e aumento da geração de empregos. Embora graves, os problemas urbanos não se multiplicaram tão rapidamente como nos países subdesenvolvidos. Além disso, pelo fato de gradativamente haver um aumento nos fluxos de mercadorias e pessoas, o processo de industrialização foi também se descentralizando geograficamente. Como resultado, há nos países desenvolvidos uma densa e articulada rede de cidades.

Os fatores que repelem a população do campo são típicos de países subdesenvolvidos, independentemente de seu nível de industrialização. O crescimento rápido de algumas cidades é resultado da concentração de terras e da incapacidade de criação de empregos que proporcionem condições dignas de vida na zona rural ou em cidades pequenas e médias, forçando o deslocamento de milhões de pessoas para as cidades que polarizam a economia de um país. Nos países subdesenvolvidos, as altas taxas de natalidade também contribuem para a formação de megacidades.

As maiores cidades dos países subdesenvolvidos não têm capacidade de absorver um número tão grande de migrantes. Muitos se transformam em desempregados permanentes que, para sobreviver, recorrem ao subemprego. O subemprego, como vimos na unidade anterior, é toda forma de trabalho remunerado ou de prestação de serviços que funciona à margem da economia formal. A maioria dos trabalhadores dos países subdesenvolvidos, mesmo os que participam da economia formal, recebe baixos salários. Esses rendimentos, em geral, são insuficientes para comprar uma moradia ou alugar um imóvel. Assim, proliferam as submoradias: favelas, cortiços, pessoas abrigadas debaixo de pontes e viadutos, etc. Essa é a face mais visível do crescimento desordenado e da má distribuição da renda nas grandes cidades do mundo subdesenvolvido.

Outro problema que atormenta milhões de pessoas nas grandes cidades, tanto em países desenvolvidos quanto subdesenvolvidos, é a violência urbana. Roubos, assaltos, seqüestros, assassinatos, etc atingem milhares de pessoas todos os anos, fazendo muitas vítimas fatais. Associados à violência, a falta de segurança, o trânsito caótico, a poluição, também o medo do desemprego e tensão no ambiente de trabalho explicam o estresse, que atinge principalmente os habitantes das grandes metrópoles, sejam eles ricos ou pobres.

A violência e a criminalidade envolvem aspectos muito complexos. Tentar explicá-los apenas pelos fatores socioeconômicos é, além de preconceituoso, equivocado.



2. Metropolização

A intensa urbanização que vem ocorrendo no Brasil, especialmente a partir de 1950, tem sido acompanhada por um processo de **metropolização**, isto é, concentração demográfica nas principais metrópoles do país. Isso significa que as grandes cidades, as metrópoles, crescem a um ritmo superior ao das pequenas e medias cidades. Vale ressaltar, que a partir da década de 80 começa a ganhar impulso a **desmetropolização**, onde as cidades de porte pequeno e médio crescem em ritmo populacional mais acelerado que as grandes cidades. Isso está associada ao processo de desconcentração industrial das grandes metrópoles.

O crescimento urbano se dá também horizontalmente, rumo à periferia da cidade (crescimento urbano), aumentando também a relação entre as metrópoles e as demais cidades, fenômeno chamado de **conurbação**, fato este que originou as regiões metropolitanas no Brasil (mais desenvolvidas no Sudeste).



A Grande São Paulo, a Grande Rio de Janeiro, a Grande Belo Horizonte, etc. No caso de São Paulo e Rio de Janeiro, tivemos a integração mais intensa dessas metrópoles no período pós-industrial do que as outras áreas conurbadas do Brasil. Esse fenômeno iniciou a formação da **megalópole** brasileira, que é uma grande área metropolitana polarizada por duas ou mais metrópoles.

Em contrapartida assiste-se hoje um processo **involução metropolitana** que está relacionado ao um crescimento mais intenso das pequenas e medias do centro-sul (mais explicito no Estado de São Paulo) do país em relação as metrópoles.

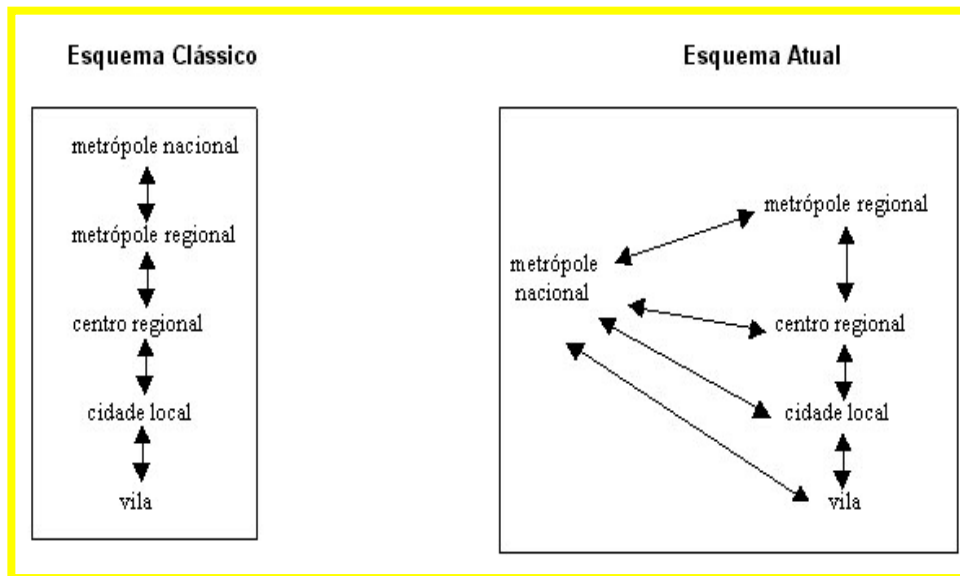
2.1 Rede Urbana

As metrópoles nacionais assumiram um papel de comando no desenvolvimento de uma rede urbana nacional e de uma hierarquia urbana, que vai desde as metrópoles nacionais (São Paulo e Rio de Janeiro) até às vilas ou pequenos núcleos urbanos conforme mostra a figura:

Assim, nota-se que, segundo a hierarquia urbana, os núcleos urbanos maiores exercem influência e/ou polarizam os núcleos menores através da maior oferta de bens e serviços numa região que atenda às necessidades de todas as cidades próximas. Analisando a rede urbana no Brasil, percebe-se que as cidades pequenas (com menos de 50 mil habitantes) possuem bens e serviços de consumo muito freqüentes, ou seja, para suprir necessidades do cotidiano; já as cidades médias possuem bens e serviços menos freqüentes; e as cidades grandes possuem bens e serviços de consumo raro.



À medida que uma cidade desenvolve e amplia a oferta de bens e serviços para atender às necessidades da população, cresce sua importância e influência sobre a região. Este conceito de hierarquia urbana nos ajuda a entender a nova noção de rede urbana criada com o processo de industrialização brasileira.



A hierarquia urbana exemplificada (modelo clássico) na figura mostra um tipo de relação entre os núcleos urbanos brasileiros (metrópoles nacionais, regionais, etc.) que revela, na verdade uma rede de relações urbanas que começou a tomar forma no período pós-industrialização. Essa forma de se entender as relações entre as cidades maiores e menores no espaço geográfico brasileiro foi aceita até os anos 70, quando tal concepção foi superada por uma nova e mais complexa, ou seja, aquela que vem traduzir a realidade atual. Esta transformou-se através da revolução nos meios de transporte, telecomunicações, com o barateamento e a maior facilidade de obtenção de energia, com a disseminação do automóvel. Assim, com a “contração” do tempo e o “encurtamento” das distâncias, as relações entre as cidades já não seguem o mesmo esquema piramidal (tradicional), mas sim há a substituição por um novo modelo de relações, mais flexível e complexo. As cidades menores não precisam se relacionar apenas com as imediatamente maiores, pois os avanços tecnológicos e as relações econômicas mais complexas no período industrial mais recente eliminou barreiras e possibilitou a formação de uma rede urbana mais integrada, como mostram a figura (esquema atual).

2.2. Cidades Globais

As cidades globais são espaços urbanos modernos e estratégicos geoeconomicamente devido à sua capacidade de facilitar a circulação de capitais, mercadorias e pessoas, a sua diversificada estrutura econômica, além da sua importância cada vez maior no setor de serviços como fonte de emprego e recursos. Outra característica importante das cidades globais é o seu papel dirigente na economia global em termos de decisões políticas e econômicas que facilitaram a expansão de capital. Com o processo de industrialização brasileira, a cidade de São Paulo assumiu características na economia-mundo, destacando-se enquanto pólo de integração da economia brasileira como o resto do mundo, principalmente na América Latina. Porém, como metrópole mundial de um país subdesenvolvido, São Paulo caracteriza-se por grandes distorções sócio-espaciais urbanas, como veremos mais adiante.

